

Centenário do autor de *Água Preta*

Rosani Abou Adal

Conheci o saudoso escritor, poeta, contista, romancista e publicitário Jorge Medauar no final da década de 80. Foi colaborador da *Linguagem Viva*, companheiro de diretoria do Sindicato dos Escritores e grande amigo. Nasceu no mesmo dia que meu pai e não foi por um acaso, porque o considero meu pai das Letras. Consultava o mestre poeta e suas opiniões sempre foram de grande valia, pois serviram para o amadurecimento poético e foram importantes para minha evolução como ser humano.

Nasceu em Água Preta (BA), hoje município de Uruçuca, a 15 de abril de 1918 e faleceu em São Paulo em 3 de junho de 2003. Filho de Emílio Medauar (sírio) e Maria Zaidan Medauar (libanesa). Jorge Medauar foi casado com Maria Odete com quem teve os filhos Jorge Medauar Júnior e Maria Matilde. Iniciou os estudos em Ilhéus e Salvador. Depois foi para o Rio de Janeiro e se fixou em São Paulo, onde trabalhou como jornalista e publicitário.

Fundou, dirigiu e lecionou na Escola Superior de Propaganda e Marketing. Professor e fundador da Faculdade de Comunicação Anhembi. Foi proprietário da Medauar Criação e Comunicação. Exerceu o cargo de diretor geral da sucursal paulista de *O Globo* e, no Rio de Janeiro, de secretário da revista *Literatura*.

Colaborou na *Linguagem Viva* desde 1990. O primeiro trabalho publicado foi "Ele ensinava muitas coisas que a professora não sabia", edição nº 13, set. 1990, Ano II.

Membro da Academia de Letras de Ilhéus, da Academia de Letras do Brasil, com sede em Brasília, e da Academia Brasileira de Literatura Infante-Juvenil. Foi fundador e diretor, em várias gestões, do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Participou do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo.

Estreou na *Literatura*, em 1945, com o livro de poemas *Chuva sobre a Tua Semente*, pela Editora José Olympio. Fez parte da geração de 45. Travou conhecido duelo em versos com Manuel Bandeira: "Eu faço versos como quem morre" (MB) e "Eu faço versos como quem vive" (JM).

Jorge Medauar em prosa e verso (Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Itabuna - BA), organizado por Maria Odete, Jorge Medauar Júnior e Maria Matilde, foi lançado em 2010 com patrocínio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. A obra, com belíssima apresentação gráfica, em homenagem ao autor de *O Incêndio*, reúne contos, poemas, fotos, cartas, bilhetes, dedicatórias curiosas e declarações de velhos amigos do autor como Jorge Amado, Antonio Houassis, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Antonio Olinto e Raquel de Queirós.

Segundo Jorge Medauar Júnior, "Mais que um lançamento, o livro é uma homenagem a um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, resgate da memória cultural do país".

Jorge Medauar participou de várias antologias nacionais e internacionais. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Contos/crônicas/novelas, com *O Incêndio*; *Prêmio Anacleto Alves*, de Itabuna; *Prêmio Governador do Estado*, do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, entre outras importantes lãureas.

A relação completa das colaborações publicadas no LV está na página 3; bem como as obras e seu poema *Autobiografia*.

Recebeu inúmeros elogios da crítica e de ilustres intelectuais, dentre os quais destacamos:

"Jorge Medauar é mestre no unir os aspectos, as coisas. E, a língua, uma linha bem achada, padrão do melhor, gostosura." João Guimarães Rosa, *Jorge Medauar em prosa e verso*, Editus.

"A presença de Jorge Medauar na literatura brasileira foi de alta e límpida qualidade. Tanto na poesia como na sua obra ficcional esteve junto dos que mais tenham feito para deixar permanente marca em nossa poética e nossa contística." Antonio Olinto, *Jorge Medauar em prosa e verso*, Editus.

"Seu nome honra a galeria dos melhores poetas da Geração de 45." Adriano Nogueira, *Jorge Medauar - 80 Anos*, abril 1998, nº 104, Ano IX, LV.

"Seus contos, e também seus poemas, são escritos aparentemente de fora para dentro, mas, afora a poesia, que requer tom confessional, ele utiliza aparentemente a terceira pessoa do singular. Por que dizemos aparentemente? Por se tratar de uma falsa terceira pessoa." Hélio Pól-vora, *Jorge Medauar em prosa e verso*, Editus.

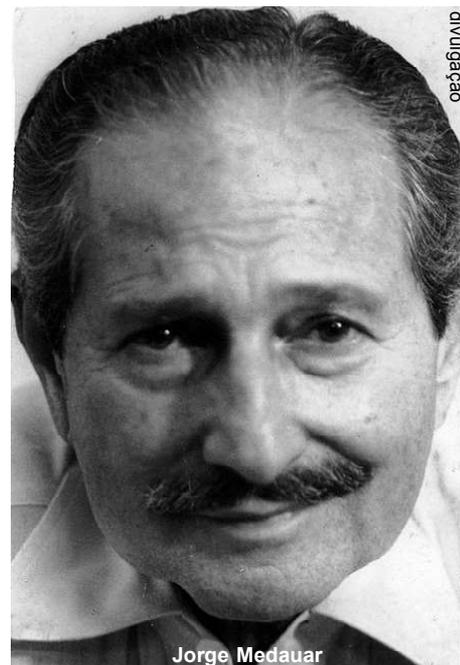
"Escrevia como falava: com espontaneidade de pensamento, correção gramatical e senso crítico nas apreciações temáticas, sempre a despertar a admiração e o aplauso de leitores e interlocutores." Paulo Nathanael Pereira de Souza, *Lembrando Jorge Medauar*, LV, Ano XXIV, Nº 295, março 2014.

"Medauar é um mestre das letras que brilha tanto quando escreve prosa, quanto quando envereda pela poesia." Nathaniel Braia, *Jorge Medauar, de olhos perscrutadores e de escrita heroica*, LV, Nº 293, janeiro 2014.

"Jorge Medauar, sob sua serenidade, tinha a pulsão da finitude humana. Guardo dele um poema datilografado, datado do Rio de Janeiro, 27/11/1985:

'A família somos nós
este adeus, esta partida
a eternidade na memória.'

Luis Toledo Machado, *O Desaparecimento do homem cordial*, LV, Nº 167, Ano XIV, julho 2003.



Jorge Medauar

Interpretei o poema *Autobiografia*, de Jorge Medauar, em homenagens realizadas no Centro Cultural Árabe-Sírio e no Esporte Clube Sírio, pela sua família. Senti na alma suas palavras, o ritmo, a harmonia da sua poesia. A grandiosidade do seu poema me iluminou e me inspirou a escrever o poema *Retrato de Família*.

Falávamos com frequência ao telefone. Meu pai Simaan Antoun era seu fã. Quando percebia que falava com o poeta, ficava ao meu lado para também dar algumas palavras. Tivemos - Eu, meu pai e minha mãe - o privilégio de sermos recebidos em sua casa por Jorge e sua esposa. Um papo agradabilíssimo e inesquecível que foi assunto para mais de mês em casa. Os olhos do meu pai brilhavam quando se lembrava da fraterna visita. Lembranças que jamais se apagarão da memória.

Eventos em que Jorge Medauar realizava ou participava no Centro Cultural Árabe-Sírio em São Paulo, éramos público de carteirinha - Eu e meu pai.

Mahat Farah El Khoury, escritora, poeta e ex-ministra da Cultura na Síria, quando esteve no Brasil foi recebida por Jorge Medauar no Centro Cultural Árabe-Sírio, que era localizado na Rua Augusta em São Paulo. Entrevistei a escritora com a ajuda, nas traduções, de Jorge e do meu pai. A mesma foi publicada na edição nº 43, março 1993, Ano IV, do LV.

Nunca vi os dois tão felizes. Guardarei na memória, para sempre, o sorriso no olhar dos meus pais.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. www.poetarosani.com.br

O sonho de Luther King

Rosani Abou Adal

Martin Luther King Jr., pastor protestante, ativista político e Nobel da Paz de 1964, foi assassinado no dia 4 de abril de 1968, há 50 anos, em Memphis, Tennessee, EUA. Combateu a desigualdade racial, pela não violência e pelo amor ao próximo. Foi um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Em homenagem a esse grande defensor dos direitos humanos e civis, selecionamos trechos do seu discurso *Eu Tenho um Sonho - I Have a Dream*, que foi proferido no dia 28 de agosto de 1963 nos degraus do Lincoln Memorial em Washington. Falou da necessidade de união entre negros e brancos no futuro e sobre seu sonho de ver uma sociedade em que todos seriam iguais sem distinção de cor e raça.

“Agora é hora de sair do vale escuro e desolado da segregação para o caminho iluminado da justiça racial. Agora é hora de retirar a nossa nação das areias movediças da injustiça racial para a sólida rocha da fraternidade. Agora é hora de transformar a justiça em realidade para todos os filhos de Deus.”

“Mas, cem anos mais tarde, devemos encarar a trágica realidade de que o negro ainda não é livre. Cem anos mais tarde, a vida do negro está ainda infelizmente dilacerada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação.”

“Viemos também para este lugar sagrado para lembrar à América da clara urgência do agora. Não é hora de se dar ao luxo de procrastinar ou de tomar o remédio tranquilizante do gradualismo. Agora é tempo de tornar reais as promessas da democracia.”

“Eu tenho um sonho que um dia essa nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: “Consideramos essas verdades como auto-evidentes que todos os homens são criados iguais.”

Almejamos que o sonho Luther King se transforme em realidade para que todos os seres, sem exceção, tenham direitos iguais, sem distinção de sexo, raça, cor e gênero.

Assim possamos viver numa sociedade mais digna, justa e humanitária. Sem violência, sem guerras pelo poder, sem injustiças sociais e com mais amor a todos os filhos de Deus: Homens, Mulheres, crianças e a todos os animais do Planeta.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. www.poetarosani.com.br

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00

Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil - Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavier

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

ÓCULOS

Raquel Naveira

Quando entro em minha casa, prendo os cabelos e coloco óculos, assumo minha verdadeira identidade. É aí que posso circular livremente entre meus livros, buscar papéis nas estantes, observar com calma os ponteiros dos relógios.

Fui uma criança míope, angustiada, até que comecei a usar óculos e enxerguei com alegria e perfeição o que estava escrito no quadro-negro, tão confuso para mim. Os óculos representaram um grande alívio, uma libertação.

Mais tarde, lendo a novela “Manuelzão e Migulim”, de Guimarães Rosa, uma narrativa profundamente lírica, que recria a vida captada pela perspectiva de uma criança, identifiquei-me com o momento mágico em que Migulim descobre um universo novo e lindo, depois que um senhor vindo de fora lhe emprestou os óculos. O menino nem podia acreditar! Tudo era diferente: as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãosinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas, as formiguinhas passeando no chão. Chegou a ter tontura. Olhou para todos com força. Olhou os matos escuros de cima do morro, a casa, a cerca de feijão-bravo, o céu, o curral, o quintal. Olhou o gado, o verde dos buritis. Agora ele sabia como era bonito o Mutum, lugar em que vivia.

Por ser míope, nunca me interessei por corridas, praia, carros, esportes ou pelo mundo exterior. Para mim o mundo sempre foi feito de sombras. Sentia-me bem lendo, fazendo tarefas, enfeitando meu caderno com cromos e canetas coloridas. Confortável era o meu interior. Belos os meus devaneios e sonhos.

É um fato: os míopes são afeitos à leitura, aos trabalhos manuais, aos bordados, aos pequenos detalhes e mecanismos. Os óculos são símbolos de saber, cultura, erudição, alma estudiosa, intelectual. Atrás das lentes, um olho olha o tempo e o outro, a eternidade.

Contam que a rainha Guinevere, esposa do lendário rei Artur, da Bretanha, era míope. Excelente artesã, tecia com primor



divulgação

estandartes com cruces da cristandade. Naquela época nublada, retratada no livro *As Brumas de Avalon*, cheia de magos, bruxas, druidas, sacerdotes cristãos, a neblina separava o fim de uma era e o início de outra. Ela viveu um romance proibido com um dos cavaleiros da Távola Redonda, Lancelote. Seu amor por dois homens ao mesmo tempo desestruturou a unidade utópica do reino de Camelot. Ao final, tornou-se monja, quase cega, expiando, ardendo como uma tocha sagrada de fé e amor pulsante, acima das circunstâncias adversas das paixões. Isso nos faz acreditar que nossos defeitos e limitações estão no controle de Deus, pois Ele nos ama como nos criou, como somos.

A existência dos óculos remonta aos egípcios. O filósofo chinês Confúcio já os utilizava sobre o nariz como um compasso. Lâminas feitas com pedras semipreciosas cortadas em tiras, que permitiam ver de perto, eram jóias valiosíssimas. Matemáticos e cientistas anônimos do Oriente e do Ocidente estudaram a incidência da luz em espelhos esféricos. Os óculos sempre tiveram seu lugar na história da humanidade: os monges nas bibliotecas, os jesuítas com seus saltérios, os funcionários das coroas, os homens de letras. E depois veio o charme da moda: o aviador com seus óculos verdes, *ray ban*; John Lennon com seus aros dourados e redondos; Marilyn Monroe com seus óculos escuros de gatinho, retirados antes da dose de barbitúricos, gata suicidada.

É um prazer sempre renovado ajeitar os óculos no rosto com as mãos, as hastes envolvendo as orelhas. Máscara de vidro. Valioso instrumento. Luneta potente. Quando prendo os cabelos e coloco os óculos, torno-me clarividente.

Raquel Naveira é doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e vice-presidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

AUTOBIOGRAFIA

Jorge Medauar

Meu nome todo é Jorge Emílio Medauar
Filho de imigrantes árabes
Tenho ficha na polícia cidadão indesejável elemento agitador

E amo gatos bichinhos miúdos sem importância
Nunca matei passarinho (uma vez fui, a mão tremeu)
Amo amizades construídas em bar esquina cabaré
O rio da minha terra
O mar onde pulo em mergulhos
Onde vejo barcos gaivotas penso em piratas heróis da infância
Penso em viagens conhecer tudo quanto é canto do mundo
Amo as noites luarinas gatos miando pelos telhados
Amo meus livros meu quanto os retratos da mãe e do líder que me fitam
Amo até porque compreendo os que me magoam

Quando nasci em Água Preta meu pai como qualquer pai
Se alegrou deu dinheiro aos pobres
Farinha carne seca aos cegos da feira
Minha mãe fez promessa prometeu meu nome a São Jorge meu protetor
Também fui batizado crismado como cristão

Cresci aprendi sofri amei
Amei tanto que virei poeta para amar também
Essa coisa que me espreme o coração
Isso que me dá de noite de manhã a qualquer momento
Que me põe na mesa me obriga a chorar
Ao ver letras tremendo em minha frente
Gota de lágrima escorrendo pelo rosto borrando a página

Jorge Medauar (1918 - 2013), in Jorge Medauar em prosa e verso.

Jorge Medauar - Linguagem Viva

Ele ensinava muitas coisas que a professora não sabia, nº 13, ano II, setembro 90.
Bilhetinho para Ivanira Prado (alguns árabes na obra de Jorge Amado), ano II, nº 15, novembro 90.
O notável Mário Schenberg, ano II, nº 16, dezembro 90.
O velho Braga, ano II, fevereiro 91, nº 18.
O mestre Caio Prado Júnior, ano II, nº 19, março 91.
Atualidade de Humberto de Campos numa edição centenária, ano II, agosto 91, nº 24.
Um dia, o homem será capaz de imaginar um céu de estrelas, ano II, novembro 91, nº 27.
Crítica de Paris sem Júlio Cortázar, ano III, dezembro 91, nº 28.
Impurezas do Romance e do romancista, ano III, nº 30, fevereiro 92.
Feito de nada, ano III, abril 92, nº 32.
Cícero Acaíaba - Poeta Inspirado e Fecundo, ano III, agosto 92, nº 36.
A Eternidade do Poeta, ano IV, nº 39, novembro 92.
Primeira vez que vi Noé, ano IV, nº 45, maio 93.
Fellini: Também temos o coração partido, ano V, nº 51, novembro 93.
Natal: Festa de crianças e de poetas, ano V, nº 52, dezembro 93.
Viva Che, ano V, abril 94, nº 54.
Carta a Guilherme Figueiredo de volta a Paris, ano V, nº 58, janeiro 94.
Cantiga de amigo para Guilherme de Almeida, ano VI, nº 62, outubro 94.
Jorge de Lima escondia as enfermidades nas metáforas, ano VIII, julho 97.
O Último Duelo, ano IX, nº 100, dezembro 97.
Autobiografia, ano XXIV, nº 294, fevereiro 2014.
Autobiografia, ano XXVIII, nº 344, fevereiro 2018.

Obras de Jorge Medauar

Poemas

Chuva sobre a Tua Semente (Livraria José Olympio Editora -1945)
Morada de paz (Editora Brasiliense - 1949)
Prelúdios, noturnos e temas de amor (Livraria José Olympio Editora -1954)
À estrela e aos bichos (Sonetos, Editora Civilização Brasileira -1956)
Fluxograma (Clube de Poesia, Coleção Poetas do Nosso Tempo, 1959.)
Jogo chinês (Imprensa Oficial, Salvador, 1962.)



Contos

Água Preta (Editora Brasiliense -1958)
2 Contos de Festas (Ricardo Ramos e Jorge Medauar, Multi Propaganda S.A., 1958.)
A Procissão e os Porcos (contos e novelas, Livraria Francisco Alves, 1960.
Histórias de Menino (J. Ozon Editor -1961)
O incêndio (Civilização Brasileira -1963)
O Dinheiro do Caju - O Cigano (Editora Imbodeiro, Angola - Brasil, 1975)
Jorge Medauar conta estórias de Água Preta (Edições GRD/MEC - 1975)
Visgo da Terra (Editora Record, em convênio com o Instituto Nacional do Livro - Fundação Pró-memória, 1983)
Contos Encantados (Edicon - 1985)
Viventes de Água Preta (Rio Fundo Editora, Coleção Literatura Regional Brasileira, 1996).



Infantojuvenil

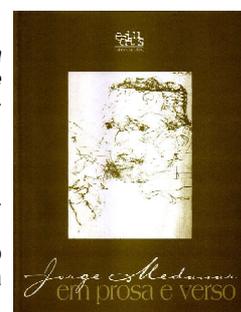
No dia em que os peixes pescaram os homens (Editora Pioneira - 1978)
Bom como o diabo (infantil, Editora Pioneira, 1982.)

Ensaios

Jorge Medauar - Personagens árabes na obra de Jorge Amado e Minhas Memórias de Jorge de Lima (Editus - Editora da UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz - 2000).

Coletânea

Jorge Medauar em prosa e verso, Editus – Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Itabuna (BA), 2006, concepção e organização de Maria Odete, Jorge Medauar Júnior e Maria Matilde.



LIVRARIA BRANDÃO



Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Rua Coronel Xavier de Toledo, 234 Sobreloja República
São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646
sebobrandao@gmail.com Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

BARBOSA LIMA SOBRINHO – UM INTELLECTUAL COMPLETO!

Geraldo Pereira

Em abril de 1989, o Brasil vivia uma situação muito parecida com a de hoje. A Dívida Externa consumindo a nossa Poupança, o arrocho salarial levando a fome e a miséria para a casa do trabalhador. O desemprego era igual ou pior do que o de hoje. O governo sem dinheiro, para pagar os seus compromissos internos. Dirigia o Brasil, o maranhense José Sarney. A situação era tão ruim, que Sarney declarou a Moratória. Teve essa coragem!

Para a revista *Caxias Magazine*, do meu saudoso amigo Carlos de Sá Bezerra, eu escrevia mensalmente, entrevistando uma personalidade de peso na vida do País. Uma dessas matérias foi muito comentada, não só na cidade de Duque de Caxias, como também, no Rio de Janeiro. O diretor da revista dada a importância do entrevistado, deu-nos a capa da mesma. O que me deixou muito feliz.

Sobre o entrevistado escrevi: “Ele é um dos raros homens públicos do nosso País, que é unanimidade nacional em termos do reconhecimento da sua cultura, da sua dedicação às melhores causas de nossa Pátria e também da coragem sempre demonstrada, em defesa das liberdades. Voz que não se calou diante do arbítrio. Aos 92 anos de idade, mestre Barbosa Lima Sobrinho, sempre atualizado e preocupado com os graves problemas que afligem a Pátria brasileira. É o nosso entrevistado do mês”.

“Nesta hora difícil que o Brasil atravessa, é uma honra ouvir um brasileiro, da envergadura moral de Barbosa Lima Sobrinho, que assim como Sobral Pinto, com 95 anos, e Luís Carlos Prestes, com 91, é dono de uma memória privilegiada. Decano dos jornalistas brasileiros, presidente da ABI, ele escreveu o seu primeiro artigo em 1915, para o *Diário de Pernambuco*, o mais antigo órgão de imprensa da América Latina. Decano também o é do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e da Academia Brasileira de Letras.”

“Autor de mais de 40 livros publicados, sobre Literatura; Direito; Economia; e História. Seu último livro, é sucesso de livraria em todo o território Nacional: *Japão – O capital se faz em casa*. Essa obra é indispensável, para se saber porque o Japão saindo da Segunda Gran-

de Guerra Mundial, esmagado, bombardeado impiedosamente por duas bombas atômicas lançadas pelos americanos, no seu território na cidade de Nagasagui e Hiroshima humilhado e ocupado militarmente, é, hoje, essa invejável potência.”

Separei alguns trechos dessa longa entrevista, para os inteligentes leitores, que a poetisa Rosani, mantém na sua *Linguagem Viva*, cuja existência reclama e exige nossa solidariedade material, para continuar sobrevivendo com a dignidade de sempre.

Geraldo: - “Há dias tomei conhecimento de um dado assustador. Um Salário Mínimo, em março de 1964, dava para comprar 100 quilos de carne, hoje só dá para 25.

Barbosa Lima: “Exatamente. O Salário Mínimo aqui, está abaixo do salário de qualquer País da América do Sul, aqui o desnível é total. E essa diferenciação de renda, foi profundamente agravada, no período de 20 anos de governo militar e até agora não se corrigiu.

Geraldo: “Estamos numa democracia, saímos de um regime de arbítrio. Com Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo, o trabalhador ganhava mais, agora os salários achataram para valer. Não é um preço muito caro, o que o trabalhador está pagando para desfrutar da democracia.”

Barbosa Lima: “Grande parte disso, é consequência, também, da Dívida Externa. Por isso é que eu digo, que a Dívida Externa não pode ser paga. Até onde teremos que levar arrocho aos trabalhadores, para pagar uma dívida externa, que está acima dos nossos recursos. Eu tenho dito na imprensa e vou repetir agora: ‘Nós somos um País, que exporta poupança, porque de 1982 até 1986, pagamos o total de 73 bilhões de dólares e a dívida só fez crescer. A dívida não foi reduzida, a dívida só fez aumentar nesse período. Agora, se nós aplicássemos esses 73 bilhões de dólares em investimentos no País, o que teríamos? Nós estamos exportando poupança. E não faltam pessoas que tem ligações maiores com empresas estrangeiras, a dizer que nós somos um País sem capital e de poupança. Como somos um País sem poupança? É que nós estamos exportando a nossa poupança, através do pagamento da dívida externa. Dessa dívida externa que chegou a 121

bilhões de dólares. Se perguntarmos o que dessa dívida externa se aplicou em investimento no país, talvez não tenhamos 30 bilhões. Nós estamos pagando a dívida externa de 121 bilhões de dólares, quando desses 121 bilhões de dólares, só talvez a quarta parte tenha sido aproveitada no desenvolvimento do País. Isso é o que me dói como brasileiro.

Geraldo: “Mestre Barbosa Lima, o Brasil tem condições de pagar essa dívida?”

Barbosa Lima: “Nem nós podemos pagar, nem a Argentina, nem o México, de modo que esse é um problema político, que teria de ser resolvido, através da união dos países devedores. Eles deveriam fazer um pool dos países devedores, para se oporem exatamente ao pool dos banqueiros, porque os banqueiros estão todos reunidos, em torno da causa, que eles defendem, enquanto que os devedores estão separados, divididos, cada um procurando resolver por si só os seus pleitos, sem maiores condições para isso. Eles têm que se unirem para resistir, porque não têm condição para pagar. A moratória virá mais cedo ou mais tarde, o Brasil não terá condições de pagar essa dívida.

Geraldo Pereira: “Falemos um pouco sobre o seu livro: ‘Japão – O Capital se faz em casa.’”

Barbosa Lima: “Meu livro, não se reduz apenas aos aspectos econômicos. Eu considero o Japão na primeira fase, na fase de sua formação. O Japão derrotado na Segunda Guerra e o Japão depois da guerra. O auxílio americano foi insignificante. Também uma espécie de plano Marshall, para lá, porque o Japão devastado, com suas fábricas destruídas, não tinha condições de ressurgir, e os americanos tinham receio, de que essa situação de miséria do povo, inclusive, levasse o governo japonês a se aliar à União Soviética e instalar lá, um regime soviético, e para evitar isto, ele procurou auxiliar os japoneses e dar os primeiros passos e pô-lo, na situação de antes da guerra. O Japão tinha um sentimento nacionalista tão poderoso, que no começo da Segunda Grande Guerra, existiam



Barbosa Lima e Geraldo Pereira

raríssimas casas comerciais estrangeiras em seu território. A técnica do Japão, foi fazer com que todo dinheiro ganho no Japão, deveria ser dos japoneses e não dos estrangeiros. e através dessa orientação defendendo ardentemente todas as oportunidades de lucros do povo japonês, ele conseguiu pouco a pouco se reerguer e chegar a situação mundial que tem hoje, é uma potência que desafia os Estados Unidos, e os Estados Unidos, estão em crise exatamente porque muitas empresas americanas estão se vendendo para os japoneses.

Há um livro de um escritor americano, publicado recentemente, onde ele diz que os Estados Unidos, viveram sempre acima dos povos, criando uma situação hoje insustentável, de modo que a situação dos Estados Unidos, é uma situação difícil, como os próprios déficits comerciais em sua balança estão registrando: 50 bilhões de dólares o déficit comercial com o Japão, déficit comercial com outros países... isto é uma situação de crise, que eles apenas não se aperceberam dela, porque tem ainda o direito de emitir dólares.

Mestre Barbosa Lima Sobrinho faleceu em 16 de julho de 2000, na Casa de Saúde São José, no bairro do Botafogo, onde residia há mais de 70 anos.

Conheci muito o velho mestre. Ele era um intelectual completo, um grande líder nacionalista. Um ativo e corajoso combatente na defesa do Brasil e suas riquezas.

Mestre Barbosa Lima Sobrinho era um homem simples e muito educado, como todo grande homem.

Está fazendo muita falta!

Geraldo Pereira é escritor e jornalista.

A AUSÊNCIA DE POSSIDONIO

Fernandes Neto

Passado mais de um ano do seu falecimento, a ausência de Antonio Possidonio Sampaio só realça a sua personalidade multifacetada, tornando-a cada dia maior, mais admirável, mais inconfundível.

Como tantos outros, acompanhei sua tríplice formação: jornalismo, literatura e direito. Em todos os campos pontificou com competência, dignidade profissional e discrição, sem jamais afastar-se do rigor ético e dos cânones morais. A partir do jornalismo despertou o advogado e o escritor. Deixou uma contribuição sobremodo relevante à compreensão e ao estudo do que representou o sindicalismo metalúrgico do ABC no longo período ditatorial iniciado em 1964.

Foram vários livros que demarcaram posições, revelaram atitudes e comportamentos, trazendo à tona o comprometimento do capital com a violência e a injustiça dos poderosos, vergonhosamente mancomunados.

Certamente não faltará oportunidade para esse tipo de análise, de uma perspectiva mais sociológica e política.

Quero, neste ensejo, recordar apenas dois episódios em que estivemos juntos, acreditando numa causa maior (os romanos diziam "ad majora natus"). O primeiro foi em plena efervescência ditatorial.

Tristão de Atahide, o grande escritor e intelectual católico, codinome de doutor Alceu (de Amorooso Lima), já falecido, era um dos poucos que escrevia, em sua coluna nos jornais, denunciando a repressão e o obscurantismo do chamado regime militar.

Lemos que ele ia lançar um livro, contendo parte das crônicas publicadas na imprensa e que o lan-

çamento ocorreria numa livraria que havia ficado famosa por seu envolvimento com os dominicanos.

Na hora anunciada, estávamos lá nós dois. Doutor Alceu logo veio conversar conosco. Só depois de meia hora apareceu mais alguém. Eu e Possidonio ficamos maravilhados, pois jamais imaginávamos que fôssemos gozar daquele privilégio.

O outro foi encontro memorável. Havia na época, muita denúncia da apostila substituindo o livro, com grande prejuízo para editores e escritores.

Na "Presença do Livro" (jornal que merece ter sua história contada um dia) resolvemos abordar o assunto recorrendo a um mestre do nível de Florestan Fernandes. Ligamos para o respeitável e saudoso sociólogo e ele se prontificou a nos receber em sua casa, à noite. Foi em 1976.

Mesmo já sofrendo sério problema de coluna, nos recebeu com toda atenção e simpatia. Mostrou-nos como fazia o fechamento dos assuntos, que, depois, se transformariam em novos livros.

Demos amplo destaque à sua entrevista e ficamos, ambos, emocionados com a grandeza de comportamento do mestre Florestan Fernandes.

Em campos diferentes, estão aí duas figuras excepcionais que merecerão, sempre, o reconhecimento do povo brasileiro.

Escolhi estes dois testemunhos para registrar nesta querida "Linguagem Viva", para deixar bem claro como agia e pensava Antonio Possidonio Sampaio. E evidenciar a causa da afinidade que nos unia, como unia a tantos compa-



og&e6fjMNP

Antonio Possidonio

nheiros, colegas e amigos comuns.

Nós dávamos todo o valor aos gestos. Às atitudes e comportamentos das pessoas. E esse realce crescia, principalmente, nos longos anos das trevas.

Aproveito para reiterar, aqui, que ainda não se esclareceu, sobretudo, às novas gerações (incluindo aqui os chamados "nativos digitais", que nasceram a partir de 2000) todo o repertório de violência, tortura e perseguição aos brasileiros que não aceitavam os planos dos generais como experiência democrática.

Infelizmente, para isso tem contribuído a disseminação do ódio que a mídia capitalista (toda ela dominada por poucas famílias) executa, mediante a judicialização da política e a politização do judiciário.

Pretendem impor o partido único, nem que para isso tenham de convencer o mundo que os negócios de Washington com todos os países são honestos e os dos brasileiros são todos desonestos. Quanta farsa!

Fernandes Neto é escritor, professor e jornalista. Exerceu o cargo de presidente do Centro de Oratória Rui Barbosa.

NA NOITE ESCURA

Djanira Pio

A noite escura acolhe-me para o sono. Quase tudo dorme. Um pássaro insone se anuncia ao acaso. É noite escura. Sussurros de alguém que sonha. Alguém de olhos fechados sonha que dorme.

Djanira Pio é escritora, poeta, romancista, contista e membro da Academia Santarritense de Letras.

Mar Calmo

Newman Ribeiro Simões

praia: pequeno vazio de sal e solidão onde o mar derrama seu cheiro de tempo e de umidade

bate-me um medo profundo quando diante desse mar calmo, cheio de imensos silêncios

Newman Ribeiro Simões é escritor, poeta, engenheiro agrônomo, professor e mestre em Estatística pela ESALQ-USP.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294
soninhaabou@gmail.com

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11- Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

LEBRANDO PRESTES

Emanuel Medeiros Vieira

Agildo Barata estava numa cela com Luiz Carlos Prestes, em 1945. Notou um opúsculo de capa verde. Na capa: "Pensamentos de Augusto Comte". No interior: aforismas estoicos, que Prestes traduzia do grego para passar o tempo. E dizia que como a capa era de Comte, os milicos não iriam tomá-la.

Conclusão de Barata: quando penso em Prestes, penso sempre num livro de máximas estoicas e de capa positivista.

"Que sacada, hein", interpreta o meu velho amigo Flávio Aguiar (desde 1962, no Colégio Anchieta, em Porto Alegre), e que agora vive em Berlim.

Essa cidade sempre me emociona, pois lá vareei noites conversando com Luiz Travassos, tomando todo o vinho alemão existente, a gente caminhando até perto do Muro.

Ele lá exilado. Eu fugido da "ditabranda", segundo a Folha.

Voltando ao líder comunista: quando penso em Prestes penso mais num pensamento granítico e positivista de um homem íntegro, profundamente digno (às vezes equivocado, mas nunca desonroso).

Por exemplo: sua aliança ("Constituinte com Getúlio") com

Vargas (que o deixaria muitos anos preso nas mãos do perverso Filinto Miller) foi um erro ou uma necessidade naquele momento, em função de um projeto político maior?

Em termos éticos não se justifica. Foi Filinto quem entregou Olga, a mulher de Prestes, para a Gestapo.

Prestes era mais positivista que comunista. Estou equivocado?

David Nasser escreveu um livro chamado "Falta Alguém em Nuremberg".

Esse alguém era Filinto "carasco" Miller, que foi presidente da ARENA, o "maior partido do Ocidente", segundo o inesquecível Francelino Pereira.

Francelino foi quem fez a nunca respondida indagação: "Que país é esse?"

Lembrando: a polícia política do Estado Novo (1937-1945), chefiada por Filinto Miller, arrancou com torquês um dente de Carlos Marighella.

Marighella, segundo o juízo insuspeito de Jarbas Passarinho (que fez a célebre proclamação no dia da promulgação do AI-5, 13 de dezembro de 1968: "às favas com os escrúpulos, senhor presidente"), teria sido o homem mais corajoso que existiu no Brasil no enfrentamento da tortura.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.

O CAPITALISMO E O CANTO DA SEREIA

Dinovaldo Gilioli

Na mitologia, sereias são criaturas metade peixe, metade mulher. Inebriados por seu canto, marinheiros lançam-se às águas e, como diz a canção, "vão com elas pro fundo do mar". Aventurar-se faz parte da vida, assim como sucumbir ao canto da sereia também.

O que fica de lição, numa leitura psicológica do mito das sereias, é que a vida está para ser vivida o mais inteiramente possível, e isso pressupõe naufrágios e um enorme esforço para chegarmos inteiros a praia; adverte-nos Vera Souza Dantas, no artigo olhai o canto da sereia!

O que tem a ver essa personagem da mitologia com o sistema capitalista, com o tal mundo globalizado, onde dizem que as fronteiras se dissiparam no ar?

No auge de mais uma de suas profundas crises, o capitalismo tem buscado envolver os trabalhadores na tentativa de escamotear as suas contradições, de amenizar conflitos, de redefinir o papel de suas entidades de classe.

Veç ou outra, escutam: o sindicalismo precisa se modernizar; o mundo mudou. Não somos mais chamados de trabalhadores. Agora, somos todos colaboradores! Simpático, não?

De forma explícita ou velada, vão imprimindo no inconsciente coletivo "novos" conceitos que visam adoçar a nossa relação com o sistema – que alguns acreditam que pode ser democratizado, humanizado.

Você acredita que é possível democratizar um sistema que só sobrevive pela imposição autoritária de suas regras? Você acredita que é possível humanizar um sistema que exclui milhares a uma vida digna?

Entre o mundo real e o apregoadado pelos detentores do poder, do capital, há um profundo abismo: o que é, não é o que parece ser.

É inegável, o capitalismo tem seus encantos: dinheiro, poder, propriedade, prestígio. No entanto, não devemos esquecer que isto é para poucos. Um sistema econômico, voltado para manter a ganância e opulência de alguns, deve ser permanentemente combatido por todos que têm como perspectiva uma sociedade socialmente justa.

Não se deixe enganar, a luta de classes não acabou: capitalista é capitalista, trabalhador é trabalhador. Cuidado com o canto da sereia!

Dinovaldo Gilioli é autor de 6 livros, dentre os quais, Sindicato e Cultura (Editora Insular/Sinergia) e Cem poemas (editora da UFSC).



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra:

1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: deboranc@uol.com.br
3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

VIVA O BRASIL...

de Odette Mutto

Livraria Asabeça - www.asabeça.com.br -

Link direto: http://www.asabeça.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&furiurl=-_VIVA-O-BRASIL-Odette-Mutto-&kb=669#.WUFpcFXyuM8

Livraria Cultura - www.livrariacultura.com.br

Link direto: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-chronicas/viva-o-brasil-46412605>

Livraria Martins Fontes Paulista -

www.martinsfontespaulista.com.br

Link direto: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspxp>

Cia dos Livros - www.ciadoslivros.com.br - Link

direto: <http://www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207>



OS NOVOS CONTOS DE ARCARO

Ely Vieitez Lisboa

Quando recebi o livro de contos, *AMortalha*, de Matheus Arcaro, chamou-me a atenção a capa atraente e lírica, de Ubirajara Júnior e o título intrigante, escrito na capa e nas duas páginas iniciais, sempre com o A e o Substantivo juntos, podendo-se ler *A Mortalha*, ou a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *AMORTALHAR*; era uma montagem artística e o A inicial era de *AMOR*. Ousadia do ilustrador...

Nas orelhas do livro, o texto precioso de Menalton Braff, que reafirma sabiamente que Matheus Arcaro, autor jovem, realmente nasceu adulto e "veio para ficar".

É a terceira obra de MA: seu primeiro livro de contos, "*Violeta Velha e outras flores*" seguido pelo romance "*O lado imóvel do tempo*" e agora *AMortalha*, os três editados pela Patuá (SP). O sucesso da tríade do jovem autor não surpreende devido às características marcantes do escritor.

Culto, sensível, profundo conhecedor dos grandes autores, em *AMortalha* reafirma-se o estilo do autor: linguagem rica, emprego de figuras originais de retórica, como a hipálage, na página 57: "... seguindo o rebolado negro do gato" (atribuição a uma palavra, o que pertence a outra, na mesma frase). As belas metáforas são uma constante em *AMortalha*.

Comentário após o conto "Como fugir?": belíssimo conto de um amor frustrado, de uma opção malfeita. O relato notável de um episódio simples, enriquecido por alusões variadas, plenas de cultura. De

vez em quando, afirmações geniais. Flores como obras-primas na galeria de artes de Deus. Texto cosmopolita, mais sugestões que a narrativa direta. Emprego perfeito do discurso indireto-livre. Um dos mais belos contos do livro.

Como é hábito de MA, antes de cada conto, há uma epígrafe notável, sugestiva, de autores famosos. No conto D. Nenê com final aberto (um dos procedimentos literários comuns em seus contos) a trama mostra o destino amargo dos seres fadados à solidão.

Uma característica forte da arte maior de Matheus Arcaro é sintetizar, às vezes, toda a trama de um conto em uma frase, como no conto *Alemão*.

A excelente literatura de MA caracteriza-se também pelo uso da linguagem rica, que às vezes permite licenças gramaticais como o emprego da próclise, no início da oração, para realçar a oralidade. Há minicontos, que sintetizam toda a trama em apenas duas linhas, como em (A)feto, página 97. Pura arte!

O conto *Fora do Ar* é uma interessante narrativa de realismo fantástico, com a bela heroína Alexia, lésbica, negra, tentando resolver o mistério do sumiço das televisões, na cidade; o final aberto é pleno de filosofia.

Ler um livro de Matheus Arcaro é sempre algo complexo. No final surge a frustração de tudo o que se poderia comentar, citar, mas o espaço é sempre restrito. Só resta uma sensação de encantamento, admiração, diante do seu rico estilo, sua criatividade e a espera de sua próxima obra.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

XAVIER LIMA CARICATURAS e ilustrações

Xavier (14) 3732-1262 / 99161-0675 - vivo
(11) 97958-6182 - tim xavierlima@terra.com.br
ou xavierdelima1@gmail.com

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

Livros

Indiologia Militante, artigos de Enéas Athanázio, Editora Minarete, Camboriú (SC), 66 páginas. A capa é de Jean Pierre Valim.

O autor é escritor, cronista, contista, novelista, biógrafo, ensaísta, advogado, professor e Promotor de Justiça aposentado. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Exerceu o cargo de Secretário Adjunto da Justiça do Estado e de vice-presidente da Subseção da OAB de Blumenau. Foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Conselho Municipal de Cultura de Blumenau (SC).

A obra reúne os artigos *A herança indígena*, *A questão indígena*, *A revolta nativista*, *A terra sem mal*, *A tristeza ancestral dos espoliados*, *Bugreiros de perto e de longe*, *Homens invisíveis*, *Indiologia militante*, *O chão de Nheçu*, *O fantástico mundo da etimologia*, *O Manifesto Nhequano*, *O mito do vazio*, *Os donos da terra*, *Os navios bugreiros* e *Simbolismo cultural*.

Enéas Athanázio: Av. Brasil, 692 - ap. 704 - Balneário Camboriú - SC - 88330-043.



de olhos entreabertos, poemas de Aíla Sampaio, Littere Editora, Fortaleza (CE), 172 páginas. ISBN: 978-85-63155-89-4.

A autora é escritora, poeta, contista, cronista, ensaísta, professora da Universidade de Fortaleza e membro da Academia Cearense de Língua Portuguesa.

Segundo Dimas Macedo, "*Eis, portanto, de olhos entreabertos*, um livro cuja linguagem nos seduz, um livro que dignifica a sua autora e que não desmerece a ensaísta. E que faz da sintaxe do desejo (e também do verso refletido) o espaço poético da arte literária."

Aíla Sampaio: amlsampaio@yahoo.com.br

Rocket Man, poemas de Rique Ferrári, Patuá Editora, São Paulo, 162 páginas.

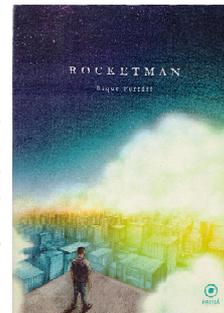
ISBN: 978-85-8297-479-7.

Ilustrações de vários autores.

O autor é escritor, poeta, professor, filósofo e neologista na língua portuguesa e espanhola.

Segundo Luciano Mota, "Agora, com este livro em mãos, vejo o quão longe foi: nas distâncias em suas viagens, na expansão em outras áreas artísticas; na profundidade de raciocínio e versatilidade de linguagem."

Editora Patuá: www.editorapatua.com.br



Rosani Abou Adal

Poemas traduzidos para o francês,
inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.

www.poetarosani.com.br

Notícias



Edla Van Steen

Edla Van Steen, escritora, atriz e editora, faleceu no dia 6 de abril, em São Paulo, aos 81 anos, vítima de ataque cardíaco. Nasceu em Florianópolis (SC) a 12 de julho de 1936. Publicou livros de contos, romances, entrevistas, peças de teatro, cinema, infanto-juvenil e de arte. Foi agraciada com o Prêmio Molière, Prêmio Mambembe de Melhor Autor, Prêmio Nestlé, autor consagrado, com *Cheiro de amor*, Prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras e Prêmio Nacional Pen Club, pelo romance *Madrugada*.

Alma Libanesa - Coração Piracicabano, de Antonio Jorge Kraide, editado por seu neto Jorge Kraide Corte Real, foi lançado no dia 14 de abril, na Sociedade Beneficente Sírio Libanesa, com apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Berthold Zilly, professor e tradutor alemão, foi eleito para a Cadeira 15 do Quadro de Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras.

O Jornal Cândido, editado mensalmente pela Biblioteca Pública do Paraná, publica, na edição de abril, três contos inéditos da ficção científica brasileira contemporânea de Santiago Santos, Lúcio Manfredi e Giovanna Picillo.

A Poesia e as artes visuais, exposição, organizada por Gustavo Nóbrega, que reúne um conjunto de obras de artistas e poetas, ficará em cartaz até 30 de maio, de terça a sexta-feira, das 10h. às 19h., e sábado, das 11h. às 17h., na Galeria Superfície, Rua Oscar Freire, 240, em São Paulo.

Emanuel Tadeu Medeiros Vieira, escritor, advogado, jornalista, crítico e colaborador do LV, foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura pela International Writers And Artists Association - IWA, entidade presidida por Teresinka Pereira e sediada em Toledo, Ohio, nos Estados Unidos.

A Verdade Vencerá, de Luiz Inácio Lula da Silva, com apresentação de Luis Fernando Veríssimo, foi lançado pela Boitempo Editorial. Textos de Eric Nepomuceno e Rafael Valim. O livro foi organizado por Ivana Jinkings, com a colaboração de Gilberto Maringoni, Juca Kfourie e Maria Inês Nassif e edição de Mauro Lopes.

Ricardo Bezerra, presidente da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, lança *LICITAÇÃO E CULTURA – Contratação de artistas pela Administração Pública*, pela Editora Ideia, no dia 20 de abril, no Instituto de Educação Superior da Paraíba – Faculdade IESP (PB).

A Distribuidora Catavento lançou a plataforma B2C2B com uma espécie de estoque virtual para livrarias que permite a integração ao sistema de logística e catálogo, de mais de 70 mil títulos, de 400 editores do cadastro da Catavento. Com a plataforma pretende facilitar a vida das livrarias e reduzir processos.

Nilson Monteiro lançou *Livro aberto: história da Biblioteca Pública do Paraná*, pelo selo Biblioteca Paraná. A obra apresenta um panorama dos 161 anos da Biblioteca Pública do Paraná que foi fundada em março de 1857.

Mestres da aventura, que reúne as três maiores aventuras da Literatura mundial, foi lançado pela Nova Fronteira. O box abriga *Os clássicos Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, e *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson.

Paula Valéria Andrade lançou *Amores, líquidos e cenas*, poemas, pela Editora Laranja Original.

A Boca da noite, de Cristina Wapichana e Graça Lima, traduzida para o sueco por Helena Vermcrantz, lançada pela Editora Hjulset, foi agraciada com a *Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan*, concedida pelo IBBY - International Board on Books for Young People, da Suécia. A obra foi publicada no Brasil pela Zit Editora.

Massaud Moisés, escritor, poeta, professor e membro da Academia Paulista de Letras, faleceu no dia 11 de abril em São Paulo, aos 90 anos, vítima de um Acidente Vascular Cerebral. Nasceu em São Paulo a 9 de Abril de 1928. Foi professor titular da Universidade de São Paulo, sucedendo ao Prof. Antônio Soares Amora na Cátedra de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Foi Professor Visitante em diversas universidades dos EUA e co-ordenador literário da *Colóquio/Letras no Brasil*. Foi feito, em 1987, Comendador da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal. Autor de *A Criação Literária, Dicionário de Termos Literários, Literatura: Mundo e Forma*, entre outras obras.

Ronaldo Cagiano lançou, em Lisboa, o livro de contos *Eles não moram mais aqui* (Prêmio Jabuti 2016), pela Editora Gato Bravo.

Cyro de Matos lançou *Poemas Iberoamericanos*, pela Fundação Casa de Jorge Amado (Salvador - BA), com o selo editorial Casa de Palavras. A obra foi publicada pela Editora Palimage, de Coimbra, Portugal.

Raquel Menezes, presidente da Liga Brasileira de Editoras, biênio 2018-2019, enviou carta, ao presidente do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação Antonio Idilvan de Lima Alencar, preocupada com o retrocesso nas regras dos editais que desfavorecem e dificultam a participação de editores independentes. A LIBRE representa mais de cem editoras independentes de todo o Brasil. <http://libre.org.br/carta-ao-fnde/>.

Gustavo Mesquita lançou *Gilberto Freyre e o Estado Novo: região, nação e modernidade*, pela Editora Global. A obra foi vencedora do Concurso Nacional de Ensaio/Prêmio Gilberto Freyre.

Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis, de Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso, publicado pela Editora da UFSCar, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, é fruto da pesquisa de mestrado - defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos e orientada pelo professor do Departamento de Letras Wilton Marques.

Raquel Naveira, vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, falará sobre o tema "Dois Irmãos Pantaneiros: Abílio e Manoel de Barros" na Associação Nacional dos Escritores, na Quinta Literária, dia 19 de abril, às 20 horas, no auditório Cyro dos Anjos, SEPS 707/907, Bl. F, Edifício Almeida Fischer, em Brasília (DF).

Guss de Lucca, escritor, jornalista e historiador, trabalha na pré-produção do romance *Cor-de-Rosa*. Autor de *O Monstro*, livro de estreia, suspense de fantasia, um case de autopublicação, na Amazon em <https://www.amazon.com.br/dp/B078P5PWFB/>. A versão física da obra pode ser adquirida em <http://gussdelucca.com.br/livros/>.

Mares do Leste, antologia de poesias, do Nobel de Literatura Tomas Transtromer, traduzido do sueco por Márcia Sá Cavalcante Schuback, foi lançada pela Editora Áyiné.

A Casa da Xilogravura agraciou o artista George Gütlich com diploma de Artista do Ano 2018. Ficará em exposição 26 gravuras de George Gütlich, 22 xilogravuras (gravuras impressas com matriz de madeira) e 4 calco gravuras (gravuras impressas com matriz de metal), até o dia 4 de junho, no Museu Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão (SP). George Gütlich, autor de *Arcádia Nassoviana*, pela Anablume/FAPESP, fez Mestrado na Universidade de Taubaté e Pós-Doutorado na Universidade de Lisboa. www.casadaxilogravura.com.br

A Livraria Loyola abriu filial em Campinas na Rua Barão de Jaguara, 1389, próximo à Basílica Nossa Senhora do Carmo, na região central, em Campinas (SP).

Mário-Casa, antologia poética, lançada pela Risco Editorial, abriga trabalhos dos participantes do Curso Livre de Preparação do Escritor, criado pela Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura.

O 32º Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, que será realizado de 4 a 12 de outubro em Montes Claros (MG), abrirá inscrições em junho e julho. A próxima edição terá seu desenvolvimento pautado pela noção de "guerrilha cultural", com o objetivo de nomear uma postura de resistência - pela via da cultura - e destacará, através de várias ações, uma das muitas guerrilhas culturais nordestina. www.psiupoetico.com.br